

## INTRODUÇÃO

Protegido por três símbolos: uma jóia, uma espada e um espelho, foi enviado o neto de Amaterasu para conquistar o país para os deuses. Um descendente seu, Kamu-Yamato-iharebiko saiu em busca de um sítio melhor. Esse descendente tornou-se conhecido por Jimmu Tenno, primeiro imperador do Japão, cujo poder lendário se estendeu a partir de 660 a.c.. Assim, de acordo com a tradição vêem os japoneses a sua origem.

Usualmente, a História japonesa é dividida nos períodos Arcaico Primitivo, Nara, Hei, Kamakura, Ashikaga, País em Guerra, Tokugawa, Meiji, Taisho e Showa.

Tem-se como ponto inicial do período arcaico, a data de 660 a.c., quando teria começado o reinado de Jimmu Tenno. Contudo, teve, também, o Japão o seu período pré-histórico. Alguns historiadores, inclusive, admitem a existência do "Nipponanthropus Akasiensis", a partir da descoberta de um osso da baía pertencente a um hominídeo, nas imediações da cidade de Akashi, em 1931.

Esta História do Japão se inicia, pois, com o estudo de sua Pré- História.

### A Pré-história

O estudo da cultura paleolítica no Japão tem início a partir da descoberta de utensílios de pedra em Iwajuku.

O período inicial da Pré-História nipônica seria a primeira fase do Período Jomon, fase que, forçosamente, há de se considerar como mesolítica.

O período Jomon deve ser considerado, em verdade, como um neolítico retardatário, podendo a sua fase de maturidade ser vista como uma antecipação das Idades do Bronze e do Ferro, no sul do país. Nessa fase, a agricultura revela-se primitiva, praticada em reduzida escala. Somente no último milênio do período verifica-se a domesticação de animais. A vida se organiza em torno de pequenas comunidades, que se desenvolvem em função da coleta e da caça.

O homem do período Jomon vivia nas imediações do litoral, subsistindo graças principalmente a uma intensa coleta de mariscos. Na medida em que penetrou mais para o interior e, conseqüentemente, alcançou as montanhas esse homem diversificou as suas fontes de subsistência, passando a viver da coleta de frutos e da caça, possibilitando o desenvolvimento de pequenas comunidades, já dotando suas habitações delareiras, que se constituíram em verdadeiros protótipos das atuais "hibashi". Nessa fase, as caças mais apreciadas eram o veado e o javali, abatidas, normalmente, a flechadas, disparadas por arcos de mais de um metro de comprimento. Eventualmente,

## História do Japão

MIGUEL DEPES TALLON

Prof. adjunto do Depto. de História  
CEG - UFES

abatiam-se aves.

Nesse período, o homem atingiu a domesticação do cão, o que não ocorreu com os gatos, que continuaram selvagens. Só mais tarde, os suínos seriam importados da China. Embora anteriormente se acreditasse ter o cavalo sido introduzido nas ilhas durante o período yayoi, a descoberta de inúmeros esqueletos eqüinos acabou por demonstrar que, já no período Jomon, o homem passara a se utilizar do cavalo. Este era, visivelmente, de pequeno porte.

É possível que a vida sedentária tenha se iniciado a partir da grande facilidade de acesso às nozes e castanhas. Uma vez sedentarizada é possível que a agricultura do homem de Jomon tenha se diversificado, inclusive com o plantio de hortaliças.

No médio Jomon surge um machado de pedra, claramente quadrangular, ainda lascado, visto que sua versão polida só iria se generalizar na época de Horinouchi. Nesse período, as pontas das flechas eram feitas de ossos e dentes de tubarão.

No final do Jomon surgem inúmeros avanços tecnológicos, influenciando na fabricação de cerâmica. Esta se torna mais fina, de uma única cor, preferencialmente preta, castanha ou cinzenta.

Já por volta do século VIII ocorrem descobertas de espadas metálicas, provalvemente de fabricação japonesa. Datam dessa época os mais antigos documentos escritos dos japoneses: o “Kojiki” e o “Nihon Shoki”.

### O Neolítico

Hoje, há fortes indícios de que o homem pré-histórico, no Japão, tenha sido aino, já que os ainos viviam num estágio pouco avançado, ocupando aldeias dispersas, na área de Hocaído.

Já, por fontes históricas, tem-se conhecimento de que os ainos teriam ocupado a região do Tohoku (Honxu), por vários séculos, conseguindo, inclusive, manter à distância os exércitos japoneses. Kidder cita Kindaichi, lembrando que “Os bárbaros enrishi, referidos sob diversas denominações eram na realidade os Ainos que então viviam em comunidades numerosas e aos quais se reportarão as referências à construção de fortes no Norte do Japão, no século VIII. Aparecem nomes enishi a norte do Quiuxu e em Chogoku.”(Kidder, J. E.: “O Japão antes do Budismo”, Lisboa: Editorial Verbo, 1970, p. 94)

Contudo, não se deve afastar a possibilidade de não ter sido aino o homem do Jomon, até porque tal homem só muito ligeiramente apresentava características mongolóides, que, mais tarde, viriam a ser dominantes, em virtude da intensa imigração

verificada nos tempos do Yayoi.

### **A Idade do Bronze e do Ferro**

Documentos chineses da dinastia Han mencionam um país de mais de cem reinos, numa alusão ao Japão desse período.

Nessa época, já possuem os japoneses uma sociedade estratificada, com a necessária especialização para a produção de utensílios e outros artefatos de metal. Nessa sociedade, as classes dominantes seriam exatamente aquelas que controlavam o artesanato e os metais. Era livre o comércio da cerâmica. Na agricultura, o arroz já era cultivado, trazido que fora da China, e sua lavoura possibilitou o aparecimento de uma classe de camponeses. O bronze, depois de uma evolução acentuada, passou a ser destinado apenas à confecção de objetos de culto e o ferro tornou-se o material preferido para o fabrico dos utensílios. Nesse quadro, desenvolve-se uma cultura conhecida como de Yayoi, não totalmente desligada de suas origens, na cultura Jomon. As residências já são de superfície, dotadas de fosso e estacas. A cerâmica evolui, passando quase toda a ser fabricada em tornos de oleiro, sendo ainda, no entanto, limitada em sua decoração.

### **O Período Arcaico**

Segundo a lenda, do neto de Amaterasu, estabelecido a sudeste de Kishu, surgiria Kamu-Yamato-iharebiko, que, posteriormente, seria conhecido por Jimu Tenno, primeiro imperador do Japão, cujo reinado se iniciaria em torno de 660 a.c.. De acordo com a tradição, Jimmu Tenno teria reinado durante 100 anos. Nesse tempo, organizou o exército, a administração e realizou várias viagens por mar.

Com o passar do tempo, os clãs de Yamato consolidaram seu poder e alargaram seus domínios.

Lenda à parte, somente a partir do século V d.c., pode-se obter credibilidade quanto às datas e às informações sobre o país, de acordo com as antigas crônicas dos japoneses.

Nessa fase, desenvolve-se o shintoísmo, que, primitivamente, não passava de uma crença numa variedade de espíritos da natureza, principalmente dos que residiam nos bosques sombrios, nas montanhas, nas rochas, nas nascentes. Todavia, a crença abrangia também outros espíritos, que moravam um pouco por toda parte. É claro que tais concepções foram evoluindo e o "shinto" - "caminho dos deuses" - acabou por se converter numa visão otimista do mundo e seus primitivos símbolos, inicialmente de caráter puramente pessoal, foram se transformando em coletivos, a serviço da comunidade. Os deuses eram, então, completamente benignos, aos quais se

ofereciam sacrifícios e ofertas. O sol e a lua assumiram posições de destaque, principalmente Amaterasu, a deusa do sol, tida como protetora da família imperial.

Embora os imperadores pudessem ser mortos ou destronados, a família imperial jamais seria afastada, pelo caráter divino que sua descendência direta da deusa do sol lhe conferia.

O primeiro clã a obter um prolongado domínio sobre a corte foi a família Soga, que conseguiu seu poder mediante inúmeros casamentos de suas filhas com membros da família imperial.

### **O Período Primitivo**

O controle da família Soga sobre a corte dá início ao período da História Japonesa conhecido como Primitivo.

Yname, ministro Soga, por volta de 552, aproxima o Japão da China, através da qual se introduz no país, o budismo. A política de Yname, a favor do budismo, provocou uma longa luta entre budistas e shintoístas.

Yname foi sucedido por seu filho Umaki, que manteve a política favorável ao budismo e à cultura chinesa, importando livros e sábios chineses. Umaki apontou como seu sucessor o príncipe Shotoku.

Shotoku é considerado como um dos mais sábios governantes do Japão, tendo dado ao país, em 604, a "Constituição dos 17 Artigos", que muitos consideram como a primeira Constituição do Japão.

Implantada pelo príncipe Shotoku, em 604, a Constituição estabelecia em seu artigo 1º, que a sociedade japonesa deveria constituir-se com base no princípio fundamental de todas as sociedades comunais, que é o "wa" (harmonia). A ninguém seria permitido formar um subgrupo no seio da sociedade, de modo a opor-se aos outros. Cada pessoa deveria discutir calmamente as questões para chegar a uma decisão que fosse razoável, até porque "a harmonia não tinha preço."

Pelo artigo 2º, estimulava-se a difusão do budismo de modo a tornar elevado o nível moral dos indivíduos.

Pelo artigo 3º, os funcionários deviam obedecer ao governo. Os artigos seguintes - artigos 4º, 5º, 6º, 7º, 8º e 9º - continham igualmente disposições pertinentes ao funcionalismo.

O artigo 4º estabelecia que o decoro estava na base da lei e da ordem, principalmente para o funcionalismo. O artigo 5º proibia a aceitação de subornos. O artigo 6º previa que os funcionários deviam ministrar a justiça, sem ignorar a lealdade para com o Imperador e a benevolência para com o povo. Nomear o homem certo para o lugar certo era o comando ínsito no artigo 7º. O artigo 8º recomendava ao funcionário chegar ao trabalho o mais cedo possível e fazer horas extras, quando

necessário. A sinceridade era vista como base da probidade, devendo ser respeitada pelos funcionários, de acordo com o artigo 9º.

O artigo 10º estatuiu que “o homem tem vontade própria. Pode-se discordar daquilo com que os outros estão de acordo. Na verdade, podemos ter opiniões diferentes. Posso não ser santo; ele pode não ser tolo. Somos todos pessoas comuns e ninguém pode dizer que está absolutamente certo. Cada um deveria aceitar as decisões da maioria, mesmo que pense que só ele tem razão.”

Respeitar e aplicar o princípio de “trabalhar para ser recompensado” era o que soava no artigo 11.

O artigo 12 determinava que os governadores locais deixassem de ser chefes de clãs e administrassem como funcionários governamentais. Por via de consequência, não podiam cobrar tributos ou aplicar corvéia ao povo, em seu próprio benefício.

Efetuar o serviço com regularidade e tratar rapidamente dos assuntos era a norma estabelecida pelo artigo 13.

Já o artigo 14 recomendava não demonstrar inveja, perante a boa sorte de um colega.

O artigo 15 voltava a tratar especificamente dos funcionários, ao estampar recomendação no sentido de que não deviam agir por motivos egoístas, mas antes prestar serviço ao público.

Proteção aos camponeses era o que constava do artigo 16, que recomendava evitar que se designassem camponeses para outras atividades, durante os períodos de maior ocupação no campo.

O artigo 17 aconselhava expressamente que se evitasse a ditadura.

A morte de Shotoku, em 621, lançou o país num período de guerras civis. Como resultado prático das lutas tem-se a queda da família Soga, do poder.

Em 645, assume o trono o imperador Kotoku, possibilitando a ascensão do clã dos Fujiwara. Nesse mesmo ano, o imperador implantava a Reforma Taika, de visível inspiração chinesa. A Reforma, basicamente, instituía a posse pública da terra, vez que todas as terras agrícolas eram consideradas propriedades da coroa, para fim de distribuição aos camponeses que as cultivariam. Manteve o espírito do “wa” e criou condições para que começasse a se desenvolver uma burocracia estatal, ainda que incipiente.

No início do século VIII, o país ainda não possuía uma capital fixa, quando se fundou, para este fim, a cidade de Nara, inaugurando o período que leva o seu nome.

## O Período Nara

Nara tornou-se, assim, o centro do império, inclusive do budismo. Contudo, a debilidade do governo favoreceu a eclosão de lutas intestinas. Após uma fracassada tentativa, intentada pelo monge Dókio, na direção do poder, foi este banido, após a morte da imperatriz em 770.

Em 748, o imperador Kamu transfere a capital de Nara para Nagaoka, com o propósito de escapar à influência dos monges. Todavia, a capital se manteve por pouco tempo em Nagaoka, sendo transferida para Hey-kyo, da qual se originaria Kyoto, dando início ao período Hey.

## O Período Hey

Hey-Kyo acabou por se converter num florescente centro de cultura, com uma sociedade elegante, que, por aproximadamente três séculos, iria viver em permanente fastígio, possibilitando o desenvolvimento da literatura, das artes e da música. Dessa época, merece registro a obra “Livro do Travesseiro”, de Sey Shonagon, futura dama de honra da imperatriz Sadaku e que se constitui numa fonte fiel dos hábitos e costumes da época. É também desse período, provavelmente de 1010, o primeiro romance do Japão e do mundo, o **Gênji Monogatari**, de autoria de Shikibu Murosaki.

Por volta do século XI, o poder começa a enfraquecer, na medida em que os barões das províncias - os daimios - aumentam sua força. Nessa época, duas poderosas famílias - a dos Taira e a dos Minamoto - colaboram com o governo. Em 1068, o imperador Gosanjo ascende ao trono. Desiludido com as constantes perturbações nas províncias, abdica em favor de seu filho Shirakawa, embora conservasse seu poder de influência. Tentando manter sua influência, os Fujiwara passaram a se valer, cada vez mais, dos militares, possibilitando a ascensão do guerreiro, cujo paradigma inconfundível seria a figura do samurai. Iniciava-se aí o “bushi-dô”, ou “caminho das armas”.

Em 1156, com o declínio dos Fujiwara, estoura violenta guerra civil entre as famílias Taira e Minamoto. De início, os Taira parecem levar a melhor e em 1160, um de seus membros chamado Kyiomori assume o controle da família imperial e do governo central. Os Minamoto sobreviventes buscam abrigo nas províncias orientais, longe do alcance dos Taira, onde se reorganizarão.

Refeitos, sob a liderança de Yoritomo, os Minamoto reiniciaram a guerra, em 1180. No ano seguinte, Kyimori morria, deixando os Taira aparentemente desamparados. Contudo, a luta prosseguiu com violência e em 1183 os Minamoto chegaram a ameaçar Kyoto. Desmoralizados, os Taira abandonaram a

capital, levando, entretanto, o imperador-menino Antoku, em favor de quem Go-Shirakawa, que sucedera, a Go-Sanjo, abdicara.

Embora oficialmente afastado do poder, Go-Shirakawa, conservara seu poder de influência e não perdoou aos Taira o abandono da capital, passando-se para o lado dos Minamoto.

Refugiados no mar, os Taira são alcançados pelos Minamoto, no estreito de Shimonoseki, em 1185, onde se trava a mais terrível batalha naval da história japonesa. A batalha termina com esmagamento completo dos Taira.

### **O Período Kamamura**

Com a vitória dos Minamoto, seu líder, Yoritomo, ascende ao poder, transferindo a capital para Kamakura, dando início a um governo militar, que iria se estender por aproximadamente setecentos anos.

Após a morte de Yoritomo, em 1199, seus filhos foram incapazes de repetir seu bom governo e sua viúva, Nasaku, acabou assumindo uma posição de destaque, possibilitando a ascensão da família Hojo, a que pertencia seu pai.

Em 1268, Kublai-khan, imperador mongol da China, enviou ao governo japonês uma embaixada, com a clara intenção de avassalar o país. O regente Hojo recusou com altivez, irritando o grande khan, que resolveu invadir o Japão.

Em 1274, uma poderosa armada coreana transportava 15.000 mongóis, que, depois de conquistarem as ilhas de Tsushima e Iki, rumaram para Kyushu, aportando na baía de Hakosaki, onde um forte exército de samurais os aguardava, para lhes dar combate. Após violentos combates, que duraram todo o dia, os dois exércitos se retiraram para trás de suas linhas, sem que tivesse havido um vencedor. Durante a noite, porém, irrompeu um violento furacão, que afundou a maior parte dos navios, frustrando a invasão.

Não obstante o fracasso da invasão, Kublai-Khan enviou nova embaixada a Kamakura, com ordens para que o imperador se dirigisse a Pequim, para lhe render vassalagem. Em verdade, tratava-se de um "ultimatum". Todavia, o bakufu de Kamakura não se intimidou e mandou que cortassem as cabeças dos embaixadores mongóis, o que, certamente, seria recebido como um insulto pelo grande Khan.

Irritados, os mongóis empreenderam nova tentativa. Dessa feita, em 1281, e novamente na direção de Kyushu, onde a 23 de junho começaram a desembarcar suas tropas, integrantes de um exército de mais de 100.000 homens. Mais uma vez, os japoneses, com seus samurais à frente, os esperavam, sob a chefia de Tokimune. Após sangrenta e indecisa batalha, novamente um furacão se abateu sobre a frota invasora,

afundando a maior parte dos navios e mais uma vez levando a expedição ao fracasso. A esse vento, deram os japoneses o nome de "kamikaze", que, literalmente, quer dizer "vento salvador". É nessa passagem que surge o termo "shógun", designando "aquele que combate os bárbaros". As invasões e as lendas que as cercam foram narradas nos "jinoshoto - ki".

Em 1318, conturbou-se a sucessão imperial e, após muitas controvérsias, assumiu o trono Go-Daigu, empenhado em restabelecer a autoridade do imperador. Sua conduta, é claro, provoca inevitável choque com os Hojo, que enviam um poderoso exército, sob o comando de Ashikaga Takauji, para submeter o recalcitrante imperador. Só que após seu triunfo, Ashikaga Takauji volta-se contra os próprios Hojo e se proclama shógun.

### **O Período Ashikaga**

Nessa fase, que se prolongaria por dois séculos, os daimios acumulam consideravelmente o seu poder. Mesmo assim, conheceu o país uma relativa estabilidade, com o retorno da capital a Kyoto. Contudo, o crescente poder dos daimios e a insatisfação dos camponeses acabam por desestabilizar o governo. Em 1428, uma rebelião camponesa abalou toda a área circunvizinha à capital. E em 1441, outro levante camponês acabou por provocar a queda de Kyoto. Para agravar a situação, Yoshimasa assumiu o shogunato em 1449, revelando-se um governante absolutamente inepto. Com sua morte, estala uma sangrenta guerra civil, em 1467, conhecida como Guerra de Onin. A guerra eclode em decorrência da disputa pela sucessão de Yoshimasa. Quando o conflito terminou em 1477, os Ashikaga tinham perdido virtualmente todo o seu poder, dependentes que se tornaram dos comandantes militares.

Por volta de 1500, tem início o conturbado período conhecido como País em Guerra.

### **O País em Guerra**

Com o enfraquecimento do poder central, fortalece-se o poder dos senhores feudais - os daimios -, que acabam por constituir verdadeiros estados em seus domínios. Registre-se, também, que nesse período, as classes inferiores desfrutaram de um grau maior de liberdade. Houve mesmo exemplos de algumas experiências de governos locais, controlados por pequenos proprietários, que tinham conseguido furtar-se à observância das leis do daimio.

Nessa época, proliferam, também, os "wako" (o termo, originário do chinês, designava "anão"), piratas que passam a assolar o Mar do Japão.

Por volta de 1542, chegam os primeiros portugueses, responsáveis pela introdução das armas de fogo no país.

Nas lutas que se seguiram, a vitória sobre o poderoso daimio Ymagawa, em 22 de junho de 1560, iria dar a Oda Nobunaga projeção nacional.

De origem modesta, Nobunaga construiu uma notável carreira de chefe militar e estrategista. Dotado de invulgar firmeza de caráter, impiedoso e calculista, Nobunaga foi ampliando seus domínios, através de pequenas conquistas, que empreendeu com um pequeno exército de 1000 camponeses, que organizou. De qualquer forma, em 1559, já havia assumido o completo controle da província de Ovari.

Ao assumir o controle de Ovari, Nobunaga acabou por se converter num obstáculo ao plano de conquista da capital, por parte de Ymagawa, que se pôs à frente de um poderoso exército de 25.000 homens, em 1560. Com apenas 3.000 soldados, Nobunaga foi ao encontro de Ymagawa, surpreendendo-o e o batendo num desfiladeiro. Morto Ymagawa, Nobunaga obteve, também, a importante adesão de Tokugawa Yeiasu, general de Ymagawa.

Com a emergência do prestígio de Nobunaga, alguns daimios receosos de sua influência, revoltaram-se contra ele. Prontamente, Nobunaga reagiu e numa sequência de sangrentas batalhas, os venceu, submetendo-os. Depois desse triunfos, Nobunaga entrou em Kyoto, em 1568, passando a dominar todo o Japão Central.

Inconformado com a ascensão de Nobunaga, o clã dos Takeda se pôs em armas contra ele, mobilizando um poderoso contingente de samurais e soldados. Com um reduzido exército de apenas 3.000 camponeses, Nobunaga foi ao encontro dos inimigos. O choque deu-se em Nagashino, em 1575. As forças de Nobunaga, armadas de mosquetes, dizimaram a cavalaria samurai dos Takeda, esmagando as forças adversárias. A vitória de Nagashino é um marco na história do Japão, que ficou virtualmente sob o controle de Nobunaga. Pode-se dizer que o Japão moderno nasce em Nagashino.

O poder que os daimios tinham acumulado durante séculos era muito grande para que pudesse ser submetido tão rapidamente. Assim, novas coligações foram organizadas contra Nobunaga, que enviou seus generais para as enfrentar. Quando pretendia participar da campanha final, foi assassinado a mando de um de seus próprios generais, Akeshi Matsuide.

Nobunaga foi sucedido por Hideyoshi, que o vingou, batendo e matando Matsuide e assumindo o poder.

Adotando uma legislação eminentemente repressiva e vencendo as últimas resistências dos daimios, Hideyoshi consolidou seu poder.

Em 1587, Hiedeyoshi publicou um edito expulsando os

jesuítas do Japão. À expulsão dos jesuítas seguiu-se a perseguição aos cristãos, isolando-se o Japão, no que se tornou conhecido como o "País Fechado".

Em 1592, organizando uma força expedicionária de 150.000 homens, Hideyóshi tentou a invasão da China. Depois de alguns êxitos iniciais na Coreia, a invasão fracassou. Em 1597, Hideyóshi organizou nova expedição, que, como a anterior nada conseguiu.

Hideyóshi morreu em 1598, sendo sucedido por Yeiasu. Para consolidar seu poder, Yeiasu teve, no entanto, de vencer certos obstáculos, entre os quais um conselho de regentes, que pretendiam governar em nome do filho de Hideyóshi, de apenas cinco anos. O levante dos daimios tornou-se, então, inevitável.

Em 1600, à frente de suas forças, Yeiasu bate os daimios rebeldes, na decisiva batalha de Sekigahara, completando a unidade do país. Diante disso, o imperador o convida para shógum, em 1603. Aceitando, Yeiasu dá início ao shogunato Tokugawa, que iria governar o Japão até 1867. Nesse mesmo ano, ocorria a introdução do teatro Kabuki.

O kabuki surgiu de uma velha forma de dança popular, tanto assim que de certas peças desse teatro constavam não poucos interlúdios de bailados. Por seu escapismo e seu apelo eminentemente popular, o kabuki desfrutou sempre de notável popularidade.

### **O Período Edo (SHOGUNATO TOKUGAWA)**

Embora, de início, aparentasse dar uma trégua aos missionários e cristãos, duramente perseguidos sob Hideyóshi, Yeiasu, a partir de 1613, renovou a perseguição, ordenando a retirada de todos os missionários do país e o ingresso dos japoneses cristianizados em alguma seita budista.

Yeiasu morreu em 1616, sendo sucedido por seu filho Hidetada, cujas medidas de repressão, para com os cristãos, foram ainda mais rigorosas.

Hidetada afastou-se do poder em 1623, assumindo seu filho Yemitsu, que endureceu ainda mais as perseguições aos cristãos.

Paralelamente à repressão empreendida, contra os cristãos, o bakufu adotou uma série de medidas - os Decretos de Exclusão-, destinadas a romper, quase que completamente, as relações do país com o exterior.

Não obstante as perseguições, o cristianismo continuou se desenvolvendo na clandestinidade. Assim, em 1637, eclodiu em Nagasaky uma violenta revolta, que mobilizou milhares de camponeses cristãos.

A revolta foi duramente esmagada e contribuiu ainda

mais para o isolamento do país, na medida em que comerciantes portugueses tinham participado do movimento, pelo que foram expulsos do Japão. Registre-se o trágico episódio da missão que os lusitanos enviaram a Nagasaki, na esperança de demoverem os japoneses da dura atitude tomada. Os nipônicos não só não se sensibilizaram, como executaram, um a um, os emissários e quase toda a tripulação do barco português.

A orientação do bakufu passou a ser a de isolar por completo o país, tendo expulsado todos os europeus, com exceção de um pequeno número de mercadores holandeses, assim mesmo restritos a uma ilha na baía de Nagasaki.

Sob o bakufu, a sociedade japonesa estratificou-se a partir da família imperial - topo da pirâmide social -, nos daimios - senhores feudais -, nos samurais -, nos no -, camponeses -, nos kô -, artifices -, e nos sho -, mercadores. Abaixo, situavam-se aqueles que eram considerados como verdadeiros párias ou “não homens”, os eta e os hinin.

O “governo da tenda”, ou bakufu, valorizou extraordinariamente a figura do samurai, cujo código de honra - do qual constitui significativo exemplo o **Hagakure** - se aperfeiçoou ao longo das gerações, baseado permanentemente no culto de uma lealdade extremada, da qual é exemplo o episódio dos 47 rônin. Em 1701, o daimio Naganori Asano, que deveria recepcionar o enviado do bakufu, de nome Kosukenosuke Kira, se desentende com ele e o fere com sua espada.

Embora, segundo alguns, Asano tivesse se comportado de acordo com o código de ética dos samurais, na verdade, sua conduta implicou crime de lesa-autoridade, em relação ao shôgun. Assim, Asano recebe ordem para praticar o harakiri, por ter violado o regulamento do shogunato. Praticado o seppuku, foi o território de Asano confiscado pelo bakufu, o que converteu, de pronto, em rônin (samurais sem amo) os samurais de Asano. Inconformados, os rônin juram se vingar.

A vingança - kataki-uchi - ocorre na noite de 14 de dezembro de 1701, quando os 47 rônin atacam o castelo de Kira, matando-o e levando sua cabeça ao túmulo de Asano.

Não obstante a simpatia que tal gesto provocara, era evidente a transgressão das leis fundamentais do bakufu. Sensibilizado com a situação, o imperador intervém, permitindo que os rônin praticassem o harakiri. O episódio acabou se tornando legendário, tamanha a popularidade que alcançou, tendo sido narrado no “**Chushingura**” (“Tesouro dos Corações Fiéis”).

Em 1853, o comodoro Matthew C. Perry, à frente de algumas canhoiras, chega ao Golfo de Edo, portando uma carta do presidente Millard Filmore, ao Shôgun. A carta, na verdade, um “ultimatum”, solicitava a abertura do Japão ao comércio

ocidental.

No ano seguinte, o comodoro, depois de ter dado uma demonstração do que os seus canhões seriam capazes de fazer, retorna em busca da resposta. Tecnicamente inferiorizado, o bakufu não tem como resistir e, a 31 de março, celebra com os norte-americanos o Tratado de Kanagawa, permitindo aos Estados Unidos o estabelecimento de consulados em território japonês e abertura a seus navios, dos portos de Shimoda e Hakodate.

As concessões feitas aos norte-americanos representam o início da abertura do Japão às potências ocidentais e novas concessões são feitas, inclusive à Grã-Bretanha.

As relações que se estabelecem não são desprovidas de um certo ressentimento, por parte dos japoneses, principalmente em virtude da atitude arrogante dos estrangeiros, nos portos que lhes foram abertos. Tais atitudes despertaram uma forte onda de xenofobia, que culminou com o assassinio de um comerciante britânico, provocando a imediata reação da esquadra inglesa, que bombardeou Kagoshima. O bombardeio provoca uma violenta explosão popular, exigindo a expulsão dos estrangeiros e a anulação dos tratados. Pressionado, o bakufu cede, ordenando a expulsão dos estrangeiros. Estes não se conformam e reagem, destruindo as fortificações de Shimonoseky. Patentemente inferiorizados, os japoneses são forçados a ceder, assinando o Tratado de Kyoto, que ratificava os privilégios anteriormente concedidos aos estrangeiros.

Em 1867, o velho imperador morre, sendo sucedido por seu filho Matsuhito.

A esse tempo, crescendo o descontentamento popular, desenvolve-se entre os daimios um movimento, de ampla penetração popular, com a finalidade de devolver todo o poder ao imperador. Tal movimento implicaria, é claro, o desmantelamento do shogunato.

Pressionado, o shógun Yoshinobu pede exoneração e transfere todo o poder ao imperador, em 8 de novembro de 1867. A 3 de janeiro de 1868, o novo imperador assume.

Mesmo com a renúncia de Yoshinobu, o bakufu se recusava a ceder. Assim, a luta recrudesce, até o esmagamento final das últimas forças do shogunato, diante do moderno exército do príncipe Mito, em maio de 1868.

O novo imperador escolheu para nomear o seu reinado, o nome Meiji que quer dizer “luzes”.

### **A Era Meiji**

Embora passiva como revolução - afinal, viera de cima para baixo, naquilo que os alemães chamam de von oben -, a “restauração” que se impôs logrou modernizar o país, através de

um governo centralizado na autoridade do imperador, que decidiu imputar ao seu reinado, de acordo com a tradição, a denominação de Meiji, significando “governo das luzes”.

A fim de garantir a estabilidade do regime, modernizou-se o exército, procurando-se dotar o país de uma frota moderna, inclusive com a construção de estaleiros.

Como o Japão não possuía as matérias-primas necessárias ao seu desenvolvimento, a oligarquia dominante, composta pelos daimios reformistas, compreendeu a necessidade, vital mesmo, de estabelecer um comércio capaz de apresentar um volume de exportações superior ao das importações. Para isso era indispensável que as exportações de produtos manufaturados ultrapassassem as importações de matérias-primas. Com isso, o comércio abandonou a sua antiga estrutura colonial.

O Estado, chamado a dirigir o desenvolvimento nacional, apoiou o crescimento da economia, formando e incentivando empresas, que, uma vez fortalecidas, eram transferidas para o setor privado, organizando-se em zaibatus, especialmente a partir de 1894, com destaque para os grupos Sumitomo, Mitsui e Mitsubishi.

Em 1872, o governo consegue, mediante um eficaz esforço diplomático, promover a revisão dos tratados de 1868. A própria Grã-Bretanha, em 1894, aceitaria rever os privilégios obtidos.

Coroando uma bem sucedida administração, o imperador, em 1889, outorgava à nação uma constituição.

Convertido em potência industrial, o próprio Japão sentiria a necessidade de calcar o seu desenvolvimento numa sólida base colonial, ingressando, em razão disso, na corrida pela partilha da China, contra a qual se viu envolvido numa guerra vitoriosa, em 1894/95, cuja paz, mal acertada, acabaria por lançá-lo, em 1904, em outro conflito vitorioso, dessa feita, contra a Rússia czarista.

Embora atingisse um inegável êxito em muitos setores da vida nacional, a Revolução Meiji apresentou, também, inequívocas mazelas, principalmente no que tange à melhoria do tônus da vida da maior parte da população, exatamente porque, sem um mercado interno, já que a base social não se transformou - a revolução foi de cima para baixo - a nação permaneceu numa etapa pré-capitalista, encerrada nos estágios da exploração individual, obrigando-a a se voltar para o exterior, em busca de mercados, que pudessem viabilizar a continuidade de sua expansão, gerando uma perigosa dependência.

Em 29 de julho de 1912, o imperador Matsuhito falecia, pondo fim à era Meiji. Com sua morte ascendeu ao trono o príncipe herdeiro Yoshihito, que deu a seu reinado o nome de Taisho, que em japonês quer dizer “Grande Justiça”.

## A Era Taisho

O reinado de Yoshihito se inicia em plena crise, com a queda do gabinete de Kymoshi Sayonji, em decorrência da reação aos crescentes gastos militares.

Embora o novo imperador fosse francamente germanófilo, a deflagração da Grande Guerra iria lançar o Japão contra a Alemanha, na medida em que aquele pretendia as concessões desta na China. Assim, o Japão se alinhou junto às Nações Aliadas.

Iniciadas as hostilidades, os japoneses conquistam Tientsín, na Península de Shantung, depois de prolongado assédio.

Terminada a guerra, apresentam os japoneses aos chineses, um documento que se tornaria conhecido como “As vinte e uma exigências”, pelas quais a China se obrigaria a transferir ao Japão as concessões alemãs em seu território. Mesmo assim o Tratado de Versalhes não satisfaz aos japoneses, tendo sido necessárias exaustivas negociações, para que seus pretensos direitos sobre a península de Shantung e sobre a Mongólia Oriental pudessem ser reconhecidos, pela Conferência de Washington, de 1921/22.

Desgastado com o incidente dos gastos militares, o imperador permitiu que, progressivamente, se lhe fosse sendo retirado seu poder de decisão. Para agravar a situação, teve o imperador uma série de ataques cerebrais, que afetaram sensivelmente sua sanidade, levando seus conselheiros a, virtualmente, alijá-lo do processo decisório no governo.

Dentro do expansionismo japonês, há que se registrar a frustrada tentativa de conquista da Sibéria, prontamente repelida pelos russos.

Yoshihito morreria a 26 de dezembro de 1926, sendo sucedido por Hiroito, que escolheu para nome de seu reinado, a palavra Showa - “Paz ilustrada”.

## A Era Showa

O crescente militarismo japonês era de fato preocupante. Nem mesmo o imperador estava a salvo de seus tentáculos. Tanto assim, que, no dia 26 de Fevereiro de 1936, as forças fiéis ao Tenno esmagavam uma rebelião militar, que, inclusive, pretendia assassiná-lo.

A tentativa de golpe, que se tornaria conhecida por “26/2”, iria trazer sérias conseqüências para a história subsequente do Japão. É que o imperador, não obstante a impressão de ter contido o militarismo, decidiu não oferecer mais resistência aos programas apresentados pelos militares. Tal atitude seria extremamente deletéria, na medida em que

favoreceu o expansionismo dos militares, a ponto de o exército de Shantung se comportar de forma atrevidamente independente, na crise da China, como um estado dentro do estado. Assim, em 1931, integrantes do exército forjaram um incidente, explodindo um trem japonês, nas proximidades de Mukden, na Manchúria. O incidente serviu de pretexto para a invasão e ocupação do Manchúria. Não bastasse tal agressão, para justificar uma ocupação permanente, o exército instalou na região um suposto estado independente, O Manchukuo, convidando o último imperador chinês, o manchu Henry Pu-Yi para ocupar o trono, numa tentativa de neutralizar a imensa reação internacional.

Em outubro de 1931, nova conspiração da oficialidade do exército foi descoberta, tendo o movimento sido imediatamente reprimido, sem que suas lideranças, contudo, recebessem qualquer punição mais séria.

A 7 de julho de 1937, os militares japoneses provocavam, na ponte Marco Polo, perto de Pequim, um incidente com soldados chineses, reacendendo as hostilidades entre o Japão e a China. Em agosto, os nipônicos tomaram Shangai e em novembro, Nanquim. Ainda que, no ano seguinte, os japoneses ocupassem boa parte do território chinês, a resistência prosseguia com feroz tenacidade, desmentindo o exagerado otimismo dos militares japoneses, que acreditavam numa guerra curta. No verão desse ano, tentaram os japoneses ocupar a Manchúria soviética, sendo o seu exército de invasão esmagado em Nomonham.

Em 1940, já com a guerra em pleno curso, o Japão celebraria com a Alemanha e a Itália o Pacto Tripartite, formando o "Eixo".

Em julho de 1941, o Japão invadia as colônias da França, no Sudeste Asiático, provocando a pronta reação dos Estados Unidos que lhe impuseram um bloqueio econômico. Privado do petróleo norte-americano, o Japão não teve outra alternativa, senão atacar as Índias Orientais Holandesas, estendendo o conflito. O plano japonês de expansão da guerra era, no entanto, bem mais amplo. Depois, a política externa desenvolvida pelos Estados Unidos deixava pouca opção para o Império do Sol Nascente, principalmente porque o conjunto de medidas adotadas por Washington não deixava dúvidas quanto ao seu propósito de isolar o Japão. Tanto isso é verdade que H. P. Willmott, referindo-se à mais importante dessas medidas, lembrava que "a medida mais importante foi o Two Ocean Naval Expansion Act. Por ele, os americanos, a um custo de US\$ 4.000.000.000,00, puseram-se a construir 7 couraçados, 18 porta aviões, 17 cruzadores, 15 destróieres e 42 submarinos que se juntariam aos 130 navios de guerra já em construção e às 358 unidades maiores já comissionadas.

"A marinha Imperial concluiu que, quando as

disposições do ato estivessem cumpridas, os americanos seriam tão poderosos no mar que não mais poderiam ser desafiados.” (Willmott, H.P. “Pearl Harbor”, ao Livro Técnico S/A, s/d p.8).

É o próprio Willmott quem comenta: “O ato dos dois oceanos visava acabar com o favoritismo da posição japonesa. Os japoneses calculavam que, para igualar a construção americana, seu programa de construção já formulado para 1942 teria de ser dobrado e isto não era possível.” (Willmott, op. cit., p.8). Diante de tal perspectiva, o alto comando japonês passou a cogitar a possibilidade de destruir a frota americana do Pacífico, antes que os Estados Unidos pudessem concluir o seu programa. Nesse quadro, projetou-se o ataque à base americana de Pearl Harbor, no Pacífico.

O ataque, desfechado a 7 de dezembro de 1941, inaugurava uma nova fase da guerra para o Japão, da qual faziam parte os ataques e a conquista de Hong-Kong, Málasia e Singapura.

Até 1942, o Japão fora absoluto no Pacífico. Tendo invadido a Birmânia e penetrado na Índia, pretendia, ainda, atacar a Austrália. Mas, no verão desse ano, o poderio naval do Japão foi esmagado na decisiva batalha de Midway, diante das forças aero- navais dos Estados Unidos. Detido o seu avanço, não pôde o Japão impedir a virada da guerra, diante da imensa superioridade tecnológica do inimigo. Acuado, o Japão ainda resistiu por meses, após a rendição da Alemanha, capitulando, finalmente, a 14 de Agosto de 1945, após o lançamento, pelos americanos, das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki, a 6 e 9 de Agosto de 1945.

A guerra humilhara e devastara o país. Mesmo assim e malgrado a ocupação americana, o imperador foi mantido e preservado do julgamento dos criminosos de guerra. Em 1945 mesmo se iniciaram as reformas políticas, que resultariam na promulgação de uma nova Constituição (1946) e na extinção das Forças Armadas, desarmando-se o país. Com um orçamento completamente saneado, livre dos gastos militares, pôde o Japão desenvolver um extraordinário processo de recuperação.

Hiroito morreu em 1989, tendo seus funerais se processado em 24 de fevereiro de 1989, com a presença de 163 chefes de Estado. Hiroito foi sucedido por seu filho Akihito, que escolheu para nome de seu reinado, “Heiki”, que quer dizer “construção da paz”.

---

## BIBLIOGRAFIA

- Azevedo, Aluísio. "O Japão", São Paulo: Roswitha Kempf Editores, 1984.
- Barros, Benedicto Ferri de. "Japão, a harmonia dos contrários: uma experiência humana singular", São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.
- Behr, Edward. "Hiroíto - por trás da lenda", São Paulo: Globo, 1991.
- Braudel, Fernand. "Gramática das civilizações", Lisboa: Editorial Teorema, 1989.
- Coox, Alvin D. "Tojo", Rio de Janeiro: Renes, 1976.
- Hobsbawm, Eric J. "A era do Capital - 1848-1875", Rio de Janeiro: Paz Terra, 1977.
- Kawai, Hidekagu. "Peculiaridades da cultura política do Japão", Brasília : Datilog., 1990.
- Kidder, J. "O Japão antes do budismo", Lisboa: Editorial Verbo, 1970.
- Leonard, Jonathan Norton. "O Japão Antigo", Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- Lima Sobrinho, Barbosa. "Japão: O capital se faz em casa", 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- Mason, H.P. e Caiger, J.C. "A history of Japan", Tokyo: Charles . Tutl Company, 1973.
- Mishima, Yukio. "O Hagakure", Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- Morishima, Michio. "Por que triunfou o Japão?", Lisboa: Gradiva, 1987.
- Panikkar, K.M. "A dominação Ocidental na Ásia", Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- Paz, Octavio. "O ogro Filantrópico", Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- Pirenne, Jacques-Henri. "Panorama da História Universal", São Paulo: Difel: Editora da Universidade de São Paulo. 1973.
- Severns, Karen. "Hiroíto", São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- Suzuky, Eico. "Literatura Japonesa: 712-1868", São Paulo: Editora do Escritor, 1979.
- Willmott, H.P. "Pearl Harbor", Ao livro Técnico, s/a, s/d.
- Yamashiro, José. "História dos Samurais", 2ª ed., São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão: Massao Ohno Editores, 1987.
- —, "Choque luso no Japão dos séculos XVI e XVII", São Paulo: Ibrasa, 1989.
- —, "Japão: Passado e Presente", São Paulo: Ibrasa, 1986.
- —, "Pequena História do Japão", 2ª ed., São Paulo: Herder, 1964.
- Zierer, Otto, "Japão", São Paulo: Círculo do Livro, 1976.